

Prefácio

A história da psicologia, a rigor, não existe, ao menos no singular. Existem, sim, inúmeras maneiras de conceber o campo do “psicológico” e outras tantas maneiras de se inserir nesse campo, intervindo nele, praticando “psicologia”. Entre as maneiras de pensar o “psicológico” há mesmo quem pretenda descartar-se desta denominação e dar preferência a outros conceitos, como “conduta” ou “comportamento”. Entre os que se situam no campo do psicológico, há também os que pretendem fazer outra coisa que não “psicologia” como, por exemplo, “psicanálise”. Reunir essa ampla gama de perspectivas não é tarefa fácil e pode ser, inclusive, considerada impossível: inevitavelmente, em qualquer exposição desse conjunto algo caótico, qualquer aparência de unidade será conquistada com base em vieses e preferências pessoais, dando-se relevo a certos elementos, deixando outros na sombra ou mesmo de fora.

Além dessa variedade, as histórias das psicologias podem focalizar os conceitos e as teorias ou podem se dedicar às práticas psicológicas. Mesmo sabendo o quanto esses dois pólos podem estar entrelaçados, não resiste a uma visão crítica da área a suposição de que teorias e práticas correspondam-se umas às outras de forma muito simples. Isto é verdadeiro em qualquer área de saber e mais ainda na nossa. Podem ocorrer imensas desproporções entre os avanços práticos, por exemplo, e as conquistas da reflexão teorizantes, e vice-versa.

Finalmente, seja no campo das ideias psicológicas ou afins, seja no campo das práticas, técnicas e instrumentos psicológicos, e principalmente neste segundo caso, a determinação histórico-social e a incidência na vida da cultura e da coletividade precisam ser consideradas, mesmo que se admitam determinações internas a cada um desses sistemas. Ou seja, podemos, certamente, contar histórias “internas” das psicologias – enfatizando as relações entre conceitos, entre conceitos e técnicas etc. –, mas também podemos e devemos investir em histórias “externas” das psicologias, em que ideias e práticas sejam estudadas à luz da história social e cultural. Conclusão: não há, como dissemos na abertura, uma história das psicologias, mas inúmeras histórias e modos de narrá-las.

Não obstante, é indispensável incluir no processo de formação do psicólogo essa dimensão histórica com toda a complexidade acima mencionada. Aliás, há um último elemento que também não pode ser es-

quecido: além da inserção social das psicologias em suas origens, o processo de formação deve levar em conta a dimensão social e histórica das difusões: não é o mesmo entrar em contato com a psicanálise, por exemplo, no Brasil urbano e na Argentina e fazer esse mesmo contato em certas regiões em que a psicanálise não penetrou nem, muito menos, passou a integrar uma certa camada da cultura urbana de massas. Nesta medida, é também preciso levar em conta os processos de difusão que condicionam, para o bem ou para o mal, as possibilidades de encontro do psicólogo em formação com as teorias e os sistemas que lhe são apresentados. Muitos estudantes, se não todos, entram nos cursos de psicologia com visões bastante estreitas e preconceituosas da psicologia, “amando” antecipadamente certas tendências e “odiando” outras, e um dos objetivos das disciplinas formadoras – como “História da Psicologia” – será o de enfrentar tais preconceitos. Novamente nos deparamos aqui com o paradoxo: não há uma história da psicologia, mas é indispensável que se apresente ao psicólogo em formação a dimensão histórica dessa área de saberes sem reduzir sua complexa e intrincada tessitura.

A solução encontrada nesta coletânea foi o recurso a uma pluralidade de estudos de diversos autores com formações e visões distintas, todos, porém ao que parece, dispostos a enfrentar as agruras da convivência com seus pares diferenciados. Não se pode esperar deste volume uma falsa unidade, uma unificação falsificada pela imposição de trilhos interpretativos excludentes. É toda a psicologia contemporânea – e, em alguns capítulos, seus antecedentes modernos – que se fazem presentes a partir de muitos pontos de vista. O que falta em unidade sobra em riqueza, tornando este livro único em seu gênero na literatura nacional e internacional. Aqui o leitor encontrará capítulos versando sobre os mais diferentes temas e segundo os mais diferentes ângulos de abordagem com as mais diferentes metodologias de interpretação. A “unidade”, enfim, é garantida pela isenta apresentação da diversidade, o que parece ter sido o objetivo dos organizadores, de resto, muito bem-sucedidos na seleção de temas e autores.

Este livro terá, certamente, um lugar de destaque nos cursos de psicologia e poderá funcionar, dada a vastidão da bibliografia citada, como uma fonte inesgotável de novos estudos e aprofundamentos.

Luís Claudio Figueiredo

Apresentação

Apresentação

A primeira edição deste livro veio à luz em agosto de 2006 após 3 anos de laboriosa preparação. Nossa intenção inicial foi promover um deslocamento significativo na concepção de história da psicologia vigente nos livros então adotados nos cursos de graduação interessados em conhecer e debater produções da psicologia nos últimos séculos. A contar pelas sucessivas reedições e reimpressões (2006, 2007, 2008, 2010, 2011 e 2013), podemos dizer que o projeto tem sido bem aceito pelo público.

É, portanto, com imensa satisfação que trazemos a público esta nova edição. Aqui, como na segunda edição, inserimos novamente temas e informações relevantes que a comunidade acadêmica que o tem acolhido nos sugeriu. Um livro destinado primordialmente à formação deve ser submetido a revisões tanto nos conteúdos abordados quanto nos recursos didáticos utilizados a fim de oferecer ao leitor as transformações em curso no campo.

Notamos que o livro tem sido utilizado primordialmente nos cursos de graduação em Psicologia, conforme o intuito original, mas tem sido indicado também para pós-graduação e processos de seleção de professores nas universidades federais. Esses são indícios de que ele tem cumprido seu objetivo de estimular o interesse por este tema, supondo que, com isto, favorecerá a disposição de contextualização histórica dos saberes e práticas psicológicos. Assim, o livro procura apresentar de maneira concisa e didática, sem, contudo, utilizar de simplificações empobrecedoras, uma visão da história da psicologia diferente daquela encontrada na literatura mais conhecida no Brasil. Acrescenta ainda um aspecto inexistente nessa outra literatura: a história da psicologia aqui narrada não se restringe àquela que ocorreu na Europa e nos Estados Unidos, a ela se acrescenta, sempre, as contingências do saber psicológico em terras brasileiras.

Estes pontos levam a outro aspecto relevante quanto à composição do livro: embora conste de capítulos escritos por diferentes autores, procuramos evitar o caráter de “coletânea” por meio de uma escolha criteriosa em que pessoas de competência reconhecida em seu campo de conhecimento, e que compartilham conosco o entendimento do conhecimento científico como historicamente construído, foram convidadas a contribuir para o projeto. Foi possível assim obter um livro com alta coesão interna, pois os capítulos, ao narrarem os diversos caminhos percorridos pela psicologia ao longo dos últimos séculos, apresentam não só os autores, os conceitos, os temas e seus desenvolvimentos, mas também as condições – sociais, econômicas, culturais – que possibilitaram a emergência, a ramificação, a institucionalização de determinada(s) alternativa(s) de construção da psicologia enquanto ciência e prática.

O livro se divide em quatro partes. A parte I, intitulada “O nascimento da psicologia”, trata não só da invenção de alguns conceitos-chave para essa disciplina, como também das condições que tornaram possível a psicologia na Europa a partir do século XVIII e – algo inexistente em livros do gênero – as ideias psicológicas que floresceram no Brasil colônia.

A parte II, “Os novos critérios de cientificidade no século XIX”, por sua vez, apresenta o famoso “veto kantiano” àquela psicologia exposta na parte I, o projeto wundtiano da psicologia como ciência da experiência interna na Alemanha, a psicologia comparada e diferencial na Inglaterra, o funcionalismo norte-americano e a psicopatologia francesa. Junto a esta análise dos primeiros caminhos oficiais da psicologia no final do século XIX, há uma apresentação do que se produziu em terras brasileiras no mesmo período, mesmo que isso não tenha se dado de forma tão institucionalizada como no exterior.

A parte III apresenta “A psicologia no século XX – uma dispersão de saberes e práticas”. É a maior parte do livro, praticamente a metade, envolvendo dezesseis de seus trinta e um capítulos, pois representa o momento de disseminação e multiplicação da psicologia nas suas mais diversas orientações, reverberando a multiplicidade que já se insinuava no século XIX. E, como mais uma novidade para o leitor, um capítulo que articula os discursos psicológico e literário nos séculos XIX e XX. Como marca do livro, em todos estes capítulos estão presentes os desdobramentos dessas diversas orientações no Brasil.

A última parte, “A psicologia em diálogo com o social” indica uma opção nossa, organizadores deste livro, de apontar para a construção social do homem. Esta parte trata, pois, de temas muito mais raramente apresentados em livros de história da psicologia e, também, nem sempre presentes nas grades curriculares dos cursos de graduação, como a psicologia das massas, o pensamento das Escolas de Frankfurt e de Chicago, a psicologia histórica de Meyerson, o movimento institucionalista, a presença do pensamento marxista na psicologia brasileira e a perspectiva da teoria das representações sociais. Fechamos o livro com um capítulo que procura mapear a riqueza da psicologia social na atualidade, nas suas mais variadas orientações.

Contudo, a marca mais decisiva deste trabalho não se encontra em nenhum capítulo ou parte específica, mas em seu conjunto. A estrutura do livro e a narrativa construída por cada autor constitui a explicitação de suas convicções, mais um aspecto diferencial desse livro em relação à literatura especializada. Ao não assumirmos um modo supostamente neutro de “fazer ciência”, pretendemos ressaltar que a emergência, a constituição e a institucionalização da psicologia não decorre de um desenvolvimento linear, contínuo, necessário e neutro do conhecimento sobre o ser humano, mas implica opções, escolhas e oportunidades advindas de condições socioculturais, políticas, econômicas, bem como interesses partilhados por pequenos e grandes grupos.

Os organizadores

O múltiplo surgimento da psicologia

Capítulo 1

O múltiplo surgimento da psicologia

Arthur Arruda Leal Ferreira

No começo de qualquer trabalho histórico, impõe-se uma questão inicial: seriam as transformações do objeto estudado produto da evolução gradual e contínua de uma experiência original, ou seriam o resultado de múltiplas combinações casuais e inesperadas? É desta forma que o filósofo e historiador Michel Foucault (1982) nos coloca perante uma escolha de que nenhum historiador pode se omitir. Perguntamos então: como esta questão se configura na história da psicologia? É quase um consenso entre os historiadores da psicologia o estabelecimento do século XIX como marco institucional do surgimento dessa disciplina. Mas o historiador não se satisfaz com inaugurações oficiais, sempre se perguntando sobre que experiências, práticas e saberes estariam condicionando essa fundação.

Uma boa parte dos textos sobre história da psicologia aponta para uma origem remota, como se a psicologia pudesse encontrar nessa sua fundação no século XIX ecos de uma experiência e de uma curiosidade bem anteriores. É desta forma que podemos encontrar em trabalhos clássicos, como os de Otto Klemm (1933), Gardner Murphy (1960) e George Brett (1963) ou, principalmente, Edwin Boring (1979 [1950]), as trilhas da história da psicologia se cruzando com os caminhos de uma busca ancestral de conhecimento de si, confundindo-se com a própria história do saber ocidental. Como se, por um sutil *insight*, tivesse havido no século XIX a decisão de apropriar tais intuições ancestrais por um saber regulado e cientificamente disciplinado. Daí a clássica frase de Hermann Ebbinghaus: “A Psicologia tem um longo passado, mas uma curta história” (Vidal, 2000).

Contudo, uma outra forma de pensamento histórico aponta para o surgimento da psicologia a partir da irrupção de condições bem pecu-

liares que teriam surgido de forma singular a partir do século XVI, e que confluíam para a necessidade do conhecimento de si, da busca de uma natureza na individualidade e na interioridade humanas. Muito mais do que uma tomada de consciência, teria se produzido uma nova experiência da relação consigo e com os demais, em que um conhecimento disciplinado e naturalizado teria se imposto como uma necessidade.

Dentro desta perspectiva, a hipótese adotada neste texto é que em nossa modernidade (a partir do século XVI) teriam irrompido diversas experiências e práticas que, em seu emaranhado, conduziram a uma multiplicidade de orientações no campo atual da psicologia. Uma segunda hipótese derivada deste ponto é que a multiplicidade da psicologia não é o produto de um descuido científico ou de uma imaturidade do saber psicológico, mas o eco dessa profusão de experiências e práticas, e do modo como elas se articulam na construção de um solo psicológico. Portanto, deve-se perguntar: que experiências são essas que surgem na modernidade e constituem o solo fragmentado da psicologia?

De modo corrente, se faz a história da psicologia (e das ciências) de duas formas:

- 1 • ou se busca demarcar as condições da psicologia através de uma série de transformações intelectuais, conceituais ou metodológicas (a chamada abordagem internalista);
- 2 • ou se busca estabelecer as condições da psicologia a partir de uma série de transformações culturais, sociais, econômicas e políticas (a chamada abordagem externalista).

Compreendemos que, para se fazer a história da psicologia, as duas formas são necessárias, pois, por um lado, a psicologia, ainda que calcada em conceitos e práticas científicas, faz parte de uma rede de interesses (dos próprios pesquisadores, do público e das agências de fomento) e de práticas sociais. E, por outro lado, a forma pela qual os interesses e práticas sociais se ordenam nas ciências (e na psicologia em particular) é bem específica, sendo articulados a projetos científicos. Portanto, as transformações nos planos interno e externo de um saber não podem ser vistas de forma isolada. Consideremos então a rede conceitual e de práticas sociais que possibilita a constituição da psicologia como um saber e uma prática singulares.

As práticas sociais modernas

O conjunto do saber e das práticas psicológicas contemporâneas apresenta algumas experiências constitutivas fundamentais, uma vez que